

COMPARAÇÃO ENTRE A CULTURA DO GRUPO ÉTNICO PAPEL E A CULTURA DO GRUPO ÉTNICO BALANTA DA GUINÉ-BISSAU

Honório Lima Nanque¹

Resumo:

O artigo trata de duas culturas de grupos étnicos Guineenses, chamados: Balantas e Papel. Objetivo é averiguar e comparar as práticas culturais que os dois grupos étnicos apresentam em comum, e os que não têm em comum. O método de pesquisa é de natureza bibliográfica, baseando nas bases dos trabalhos: Garrafão; Subuhana (2018), Virginia (2018), Schneider1 (1998), Aldair (2017), Tchuda (2019) e Mendes, (2018). Também se enquadra como pesquisa do campo, mediante realização de três entrevistas com moradores locais. Os três sujeitos entrevistados são pessoas de diferentes faixas etárias de cada grupo étnico. Como resultado os dois grupos étnicos apresentam a maioria das práticas culturais em comum, tais como: os rituais de passagem das fases de adolescente para adultos, casamento, circuncisão, toca choro e cortejos fúnebres. Apresentam organização social diferente, visto que o grupo étnico Balantas, possui organização social horizontal, por isso a decisão é tomada em conjunto, enquanto no grupo étnico Papel, ocorre uma hierarquia de forma vertical, e cabe ao chefe de tabanca tomar decisão para todos constituintes.

Palavras-chave: Guiné-Bissau; Culturas étnicas; Organização social.

COMPARISON STUDIES BETWEEN THE CULTURE OF THE PAPEL ETHNIC GROUP AND THE CULTURE OF THE BALANTA ETHNIC GROUP OF GUINEA-BISSAU.

The article deals with two cultures of Guinean ethnic groups, called: Balantas and Papel. The objective is to investigate and compare the cultural practices that the two ethnic groups have in common, and those that they do not have in common. The research method is bibliographic in nature, based on the following works: Garrafão; Subuhana (2018), Virginia (2018), Schneider1 (1998), Aldair (2017), Tchuda (2019) and Mendes, (2018). It also fits as field research, through three interviews with local residents. The three subjects interviewed are people of different age groups from each ethnic group. As a result, the two ethnic groups share the majority of cultural practices in common, such as: rites of passage from adolescence to adulthood, marriage, circumcision, choral music and funeral processions. They present different social organization, since the Balantas ethnic group has a horizontal social organization, so the decision is taken together, while in the Papel ethnic group, there is a hierarchy in a vertical way, and it is up to the head of the village to make a decision for all constituents.

.Keywords: Guinea-Bissau; Ethnic cultures; Social organization.

¹ Acadêmico do 5º Semestre do curso de licenciatura em Letras-Língua Portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Voluntário no Projeto de pesquisa de Literatura Africana da Unilab. Nascido no Norte de Guiné-Bissau, na secção de Bijimita e Região de Biombo. Estudando no Brasil desde 2018. Email: nanquelima@gmail.com

Introdução

O artigo trata-se das duas culturas de grupos étnicos Guineenses, chamados: Balantas e Papel. O objetivo é averiguar e comparar as práticas culturais que os dois grupos étnicos apresentam em comum, mas também o que não têm em comum. É sabido que existem elementos culturais em comuns entre os mencionados Grupos, tais como: os rituais de passagem das fases de adolescente para adultos, casamento, circuncisão, toca choro e cortejos fúnebres. Entretanto, há também construtos rituais divergentes. Haja vista que na sociedade Balantas a organização estrutural é democrática seguindo um nível horizontal entre as pessoas que constituem o grupo. Enquanto que a organização estrutural do grupo étnico Papel é vertical, pois quem direciona as ordens aos componentes do grupo é régulo (chefe da tabanca). Desenvolverei esses conceitos doravante.

De acordo com Carvalho (2006), comparar é um mecanismo inserido dentro da estrutura do pensamento do homem e da organização cultural. À vista disso, vale comparar hábitos generalizados em diferentes culturas. Entende-se, no entanto, que, para se obter melhores resultados da busca, o método mais seguro e eficiente a ser empregado nos estudos para a realização do trabalho acadêmico certamente será o da pesquisa investigativa dos dados importantes e norteadores a serem comparados, através das análises dos elementos encontrados na trajetória evolutiva e histórica do Grupo por meio do processo comparativo. Assim procedendo, facilmente se presume que a presente produção acadêmica por apontar subsídios esclarecedores para melhor entendimento da cultura e rituais dos grupos étnicos, torna-se importante fonte de pesquisa.

Segundo Americo (2016 apud Garrafão; Subuhana 2018, p.4) entende que as famílias residentes na Ilha de Bissau migraram da Região de Quinara ao do Sul do País. O autor ressalta que essas informações foram repassadas pelos anciãos do grupo étnico Papel que habitavam a região acima mencionada. O lugar foi descoberto pelo filho do Rei de Quinara chamado Mecau, que estaria caçando e chegando à Ilha de Bissau. Diga-se de passagem, que, por ter gostado do lugar resolveu trazer suas famílias e seus irmãos mais velhos, porém todos casados e fixaram-se todos na referida ilha. Vale salientar que, esse grupo étnico é representado pela maioria dos habitantes do Sector Autónomo de Bissau e Região de Biombo, tendo suas culturas bem valorizadas nas comunidades pelos anciãos.

Embasado na pesquisa, constata-se que a origem do nome de Balantas² (literalmente significa aqueles que resistem) é do grupo étnico nigero-congolês dividido entre Guiné-Bissau, Senegal e Gâmbia. Sendo considerado um dos maiores grupos étnicos da Guiné-Bissau, cuja representação corresponde a 25% da população total do país. Os arqueólogos creem que o povo que viria a ser os Balantas migrou para a atual Guiné-Bissau em grupos pequenos entre os séculos X e XIV d.C. O referido grupo segue os rituais equivalentes aos cultivados pelo grupo étnico Papel.

Origem desses grupos étnicos

Por sua vez, Abulai (2014 apud Tavares, 2018, P. 6), salienta que os Balantas vieram do Egito, Sudão e Etiópia fugindo da seca que assolava os mencionados países. Após a chegada das famílias no lugar iniciaram a exploração das culturas de subsistências priorizando a criação de bovinos. Com o passar do tempo o grupo se dividiu em dois outros denominados Balantas Kuntoé e Balantas Nhacra. Com essa divisão passou a existir sete subgrupos definidos como: Balantas bravos, Balantas cunantes, Balantas de dentro, Balantas de fora, Balantas manes, Balantas nagas e Balantas patch. Em virtude da formação dos subgrupos, embora falando a mesma língua, houve algumas alterações dialéticas e seus traços linguísticos diferentes, assim como sua manifestação cultural. Na contemporaneidade povoam-se maioritariamente nas regiões de Oio norte do País, Sul e sector autónomo de Bissau³. Do ponto de vista etimológico Balantas significa aqueles que resistem, eles são largamente animistas (significa aqueles que acreditam na existência dos Deuses) nas suas crenças.

Valendo salientar que, pode-se encontrar esse grupo étnico em sua maioria na região de Biombo e Sector Autónomo de Bissau. Sendo suas culturas e rituais bastante valorizados nas comunidades pelos habitantes seguindo as orientações dos anciãos na preservação das suas crenças.

Seguindo o pensamento do autor, vale frisar que, existe outra lenda contada pelos habitantes da Comunidade que, esse grupo ao chegar à ilha de Bissau era constituído por sete pessoas e em seguida foi dividido formando futuras comunidades Denominadas de: Bandim, Biombo, Quinhamel, Bijimita, Safim, Bôr e Prabís, todas essas referidas comunidades faz parte na

² <https://pt.wikipedia.org/wiki/Balantas>.

³ É capital de Guiné-Bissau. Onde tudo é centralizado.

região de Biombo, que essas famílias, até então continuam permanecendo no mencionado Setor, exceto Bandim que faz parte do Setor Autônomo de Bissau.

O étnico cognominado de Papel foi dividido em dois grupos chamados: Papel de Bissau e Papel de Biombo. Da mesma forma, cada grupo procedeu a sua subdivisão cujo objetivo seria a distribuição e ocupação territorial previamente delimitada pelas famílias a serem fixadas. É importante ter em mente que, cada grupo tem seus traços linguísticos, assim como a etnia Balanta. Faz-se necessário ressaltar que o referido grupo (Papel) se dividiu em sete clãs (djorçom) que são: Djagra apelidado de Nanque ou Ié cuja função seria de preencher posição do Rei ou régulo (chefe da comunidade), Bassó que tem apelido Có, Badjucumó tem apelido Cá, Batat que tem apelido Indi, Bassuro que tem apelido Djú, Bassafinté tem apelido Té e Baiga que tem apelido Sá.

Levando-se em consideração a origem desses dois grupos étnicos guineenses, (Balanta e Papel) percebe-se que existem algumas semelhanças entre os dois grupos com os subgrupos que ambos apresentam. Sendo a maioria animista nas suas crenças. Nesse contexto, faz-se necessário um estudo mais amplo sobre cada grupo étnico, isso de forma geral e, conseqüentemente, fazendo a comparação entre si.

(...) aplicar o método comparativo no quadro das ciências humanas consiste (...) em buscar, para explicá-las, as semelhanças e as diferenças que apresentam duas séries de natureza análoga, tomadas de meios sociais distintos.”⁵³ Os meios sociais de que fala Bloch podem ser sociedades distantes no tempo e no espaço (e s a aplicação do método comparativo é bastante própria da história), ou sociedades sincrônicas, vizinhas no espaço, e que possuem um ou mais pontos de origem comum. Este tipo de abordagem permite conciliar, de um lado, o trabalho de elaboração teórica, de outro, o interesse se volta do à análise de processos sociais específicos. (SCHNEIDER, 1998 p. 32 a 33).

Destaca-se a importância do método comparado no âmbito do saber, visto que explicar as semelhanças e as diferenças nos ambos estudos que estão sendo realizados. Os meios sociais podem possuir sociedades distintos no tempo e espaço, assim pode ser vizinho no espaço e que possuem um ou mais pontos de origem comum.

De acordo com Schneider (1998) a comparação, enquanto momento da atividade cognitiva pode ser entendida como processo extremamente importante na construção do conhecimento nas ciências sociais. Na base de comparação podemos descobrir regularidades, entender os deslocamentos e transformações, construir modelos e tipologias com intuito de identificar as

comunidades descontinuidades, semelhanças e diferenças, e explícitas das determinações mais gerais que regem os fenômenos sociais.

Importância do casamento tradicional desses dois grupos étnicos

É certo que qualquer que seja a sociedade, tanto tradicional como moderna, tem os seus princípios que visam promover a regularidade da convivência social, os quais permitem a preservação da cultura. Dessa forma, é importante saber que essas normas não foram criadas para prejudicar a sociedade. Nesses grupos étnicos o casamento tradicional é importante porque eleva os valores das mulheres na sociedade, bem como dos homens, pois trata-se de um ritual praticado por ocasião da passagem da fase de jovem para a fase adulta.

Para o grupo étnico Papel, segundo Einararsdottirir (2004 apud Garrafão; Subuhana 2018, p. 5), caso a mulher não passe pelo casamento tradicional pertinente do Grupo Papel, não será devidamente enterrada como adulto o que acarreta consequências negativas durante a vida e até a morte. O marido ou o seu herdeiro, e/ou qualquer homem que tenha pagado as despesas da noiva, é responsável por realizar a cerimônia de bater o *bombolom*' (*tocatchur*) para ela. Sem a realização desta cerimônia, segundo a autora, a alma da mulher (falecida) não poderá se instalar no outro mundo.

A autora salienta a importância dos rituais desenvolvidos durante o período de mudança da fase de jovem para fase adulta da cultura do grupo étnico Papel, pois para esse grupo, se uma mulher é casada fora do processo tradicional de casamento da etnia Papel é vista na sociedade como uma criança, ficando impedida de participar das reuniões⁴ dos Conselhos dos anciãos, perdendo o direito da participação dos encontros, pois ainda não havia passado pelo processo cerimonial do casamento.

É importante ter em mente que, quando morre uma mulher, caso ela não tenha passado pelos procedimentos do casamento tradicional, mesmo tendo filhas com o namorado o corpo será entregue aos pais dela para providenciarem os rituais fúnebres sequenciando o sepultamento sem esteira. Ao contrário, se fosse casada, todos os procedimentos fúnebres seriam de responsabilidade do esposo, assim a esposa (falecida) passaria a ter o direito de ser sepultada em esteira por ser considerada idosa. Por outro lado, se uma mulher não for casada, mas teve os filhos, as mesmas

⁴ Nessa reunião, só podem presenciar as mulheres que passaram no processo tradicional do casamento do grupo étnico Papel.

não poderão casar-se pelo fato de a mãe não ser casada de acordo com a tradição cultural do Grupo (Papel).

Se no caso a mãe falecer sem ter realizado a cerimônia tradicional (casamento), os mais velhos da comunidade fazem uma cerimônia simbólica do casamento da falecida. O que concede o direito às suas filhas se casarem com seus namorados, porque a não realização da cerimônia acima citada, fará com que as filhas continuem sendo impedidas de se casarem.

Na etnia papel o casamento tradicional acontece das seguintes formas: O pai leva o filho para se casar com a prima (sobrinha do pai) com o objetivo de lhe dar o direito de herança dos bens materiais pertencentes a ele (pai) ao casar com o filho do seu tio (pai do esposo) porque na etnia Papel os filhos do casal tendem a ficarem mais próximos dos familiares maternos.

Em determinadas situações, às vezes, a mãe pode escolher algum rapaz para casar com sua filha caso ela (mãe) goste do indivíduo. Em qualquer das formas, a menina que foi dada em casamento tem que aceitar o rapaz para não envergonhar as famílias envolvidas por rejeitar o jovem que também foi indicado por seu tio para casar-se com a mesma. E depois da aceitação da menina, o futuro marido passa a trabalhar algumas vezes para o cunhado sem ser remunerado até o dia do casamento.

Muitas vezes o casamento tradicional exige custos altos, o que faz com que o noivo e sua família adquiram recursos financeiros para a materialização do matrimônio. O preço da noiva deve ser pago à família da noiva. As duas famílias do futuro casal têm a obrigação de se organizar e se envolver nos preparativos da cerimônia. É comum ouvir dizer que um jovem migrou para o Senegal ou para o interior da Guiné-Bissau a fim de ganhar o dinheiro necessário para financiar o preço da noiva (EINARARSDOTTIRIR, 2004 apud GARRAFÃO; SUBUHANA 2018, p. 4)

Naturalmente, o casamento tradicional tem custo bastante elevado, pois o valor é estipulado pelos os pais da noiva sendo que: a mãe determina um valor e o pai estabelece outro valor a ser recebido do noivo. Mesmo assim o noivo também participa financeiramente na realização da festa em virtude de ter vários convidados que são familiares, colegas e amigos. Por esse motivo o noivo sente-se na obrigação de procurar trabalho no interior ou até mesmo fora do país para adquirir sua parte financeira a ser investida nas despesas do seu casamento.

Primeiro o noivo leva um litro de aguardente para pedir à mão da noiva em casamento. Depois da aceitação dos pais, ou seja, da família da noiva, o marido faz a farinha para fazer laço de casamento, uma declaração que pretende realmente se casar a noiva. Mas, essa declaração - e/ou pedido da mão em casamento - pode ser feita com antecedência, havendo casos de meninas

são prometidas em casamento após o seu nascimento. Neste caso, a família toda fica sabendo que a noiva já está prometida, mas é possível fazer laço de casamento e casar no mesmo mês.

Para o casamento o noivo faz o levantamento de todas as coisas necessárias apontadas pelos pais da noiva, que são: uma quantia de dinheiro, farinha, bebidas, animais (cão, cabra, galinhas e porcos). O noivo ainda reserva dinheiro para fazer a festa de despedida de solteira da noiva com suas colegas, momento que envolve danças e brincadeiras. Durante o ritual a mulher a tia do noivo vai buscar a noiva e a leva para aldeia do marido moransa⁵, ou seja, na casa do marido.

Ali, a noiva tem cortado o laço de compromisso “corta linha” (quer dizer que já está na mão do noivo). Antes era cortado todo o cabelo da noiva, sendo que hoje já tem opção de tirar só um bocado de cabelo. E preparada uma comida à base de molho de dendê e leite para a noiva, as suas acompanhantes e os convidados comerem. “Também no ritual fazem sacrifício de cão, porco, cabra e galinhas dependendo de quantas balobas (lugar sagrado)” a mulher deve fazer lavagem” (Garrafão; Subuhana 2018, p. 07).

De acordo com Mango (2017), outro momento importante do casamento é o chamado “kinedjum” (que significa o primeiro dia que a noiva vai pernoitar em sua casa com seu esposo), sendo que no dia seguinte o marido sai de casa deixando a esposa sozinha para receber as mulheres, também casadas que juntas irão continuar os rituais que fazem parte do cerimonial do casamento. Esse ato pode durar de sete a doze dias, momento em que a noiva fica sob orientação das mulheres mais velhas da aldeia. É importante frisar que, nesse período, a noiva é isenta de trabalhar e frequentar qualquer outro lugar, somente depois do término dos atos cerimoniais, ela receberá o esposo que estaria na casa dos pais dele.

O casamento tradicional (*k'mari*) desempenha um papel considerável para as mulheres da sociedade papel. A mulher só passa a ser respeitada a partir do momento em que passa pelo casamento tradicional (Garrafão; Subuhana 2018, p.10).

Ressalta-se que o casamento tradicional, além de educar as pessoas, ajuda a preservar a cultura e rituais dos ancestrais. Nesse contexto, também leva a mulher adquirir respeito dentro da sociedade que está inserida. Caso haja problemas, e, que não possam ser resolvidos pelo casal, o mesmo recorre aos anciões buscando orientações para solucionar os problemas, entre si.

No grupo étnico Balanta, o casamento tradicional Kwassé (casamento), faz parte dos rituais mais valorizados na sociedade Balantas, pois uma mulher que não é casada é considerada como uma criança, assim como na etnia Papel. Com isso, essa pessoa não tem direito de assistir

⁵ É um bairro, no qual reside determinado grupo de pessoa, pode ser do mesmo grupo étnico ou diferente.

às reuniões dos mais velhos da comunidade, uma vez que ainda não foi concedido o respeito, o que lhe permitiria assistir às reuniões. Por isso, o casamento tradicional é importante na sociedade Balantas.

Quando nasce uma menina na comunidade sempre aparece um homem ou uma mulher na casa (dos pais) e lhes pede para aquela menina casar com um filho ou sobrinho dele e/ou dela. Para confirmar o pedido é conduzido um pauzinho de madeira (lenha) caracterizando o compromisso do futuro casamento. Do mesmo modo, a madrasta e/ou vizinho/vizinha tendo bom relacionamento com a mãe da criança pode fazer também esse gesto de preservar o casamento da criança para seu tio. Feito isso, o futuro marido leva vinho (binho) para ser consumido dentro da casa por quatro dias. No dia subsequente, o futuro marido leva novamente vinho que será consumido fora de casa (na calçada) também por quatro dias.

Assim sendo, o futuro marido ficará aguardando o chamamento do pai da criança (menina), quando ela atingir a fase da puberdade. Com isso, o rapaz leva outra vez vinho (binho) a ser consumido pelas famílias do noivo e da noiva, pois esse será o momento em que as famílias estarão reunidas para discutirem os orçamentos necessários para a realização da festa do casamento seguindo todos os rituais da cultura tradicionalmente desenvolvidos no cerimonial. Logo após a elaboração do orçamento, os pais da noiva irão estipular (cada um) o valor a ser recebido do noivo, além de quatro litros de vinho e três suínos (NEUSA N'RUNKA, 2020).

Dessa maneira afirma Tchud (2019) quando ressalta que:

O homem trabalha mesmo para poder realizar os rituais como o casamento tradicional que o homem é obrigado pagar dotes para a realização, como homem se não consegue pagar os dotes para a realização do casamento tradicional, você passa por problemas, ameaças dentro da família da mulher é por isso que todo o homem da etnia Balanta nasce com essa ideia de trabalhar para poder realizar o casamento tradicional e ajudar a mulher. (TCHUDA, 2019, p. 10).

Assim, o autor considera que, para a realização do casamento tradicional, é necessário a elaboração do plano orçamentário para que os pais da noiva tenham condição de estipular os valores que serão repassados pelo noivo para as despesas do casamento. Nessa direção, o noivo também participa financeiramente na realização da festa. Por essa razão, o mesmo fica condicionado a procurar trabalho no interior ou até mesmo fora do país para adquirir sua parte financeira a ser investida na realização do casamento.

Segundo entrevistada, a Senhora **Isabel N'dafá** mulher casada que tem 60 anos de idades afirma que os três porcos pedidos pelos pais da noiva serão mortos na casa do marido depois que

a noiva cumprir o período de confinamento⁶. Além dos três suínos que foram doados pelo noivo aos pais da noiva para serem abatidos e servidos na festa de comemoração do casamento, o noivo ainda está na obrigação de comprar algumas cabras a pedido dos pais da noiva conforme determina o ritual de casamento.

Nesse contexto, a entrevistada afirma que os pais da noiva impõem ao futuro genro determinadas condições para serem cumpridas antes do casamento, que são as seguintes: três suínos que são abatidos para as comemorações da festa do casamento, pano de pinte, calçados, chapéu (sabadora), dinheiro em espécie, produtos de primeira necessidade (arroz, óleo, macarrão, feijão etc.), além, da aquisição de cabras (três animais) que serão entregues ao sogro.

O noivo, quando realiza todas as condições exigidas, pede ao pai da noiva para marcar o casamento. Depois da cerimônia matrimonial, todos os familiares da noiva e do noivo sentem-se orgulhosos por terem assistido o enlace matrimonial do casal que, em breve, formará sua família. Porém, antes de a noiva sair da casa de seus pais para a sua futura casa o casal come junto à comida tradicional de cabeceira com leite bovino. Logo após o jantar, a mãe da noiva escolhe uma criança que tenha nove anos de idade para auxiliar a noiva em algumas coisas fora da casa, durante o período de confinamento, caso ela precise. No último dia de confinamento a noiva se alimenta somente com a comida preparada por sua mãe, saindo em seguida. Terminada a refeição, a criança que estava com a noiva ganha uma galinha e retorna a casa dos pais.

Circuncisão “Fanada” desses grupos étnicos

Nesses grupos étnicos a realização da circuncisão faz parte dos rituais da cultura, determina que os homens passem da fase de jovem para a fase adulta no convívio social, pois se não assim proceder, mesmo sendo idoso continua vivendo no meio social considerado como uma criança, e sem o direito de participação nas reuniões realizadas na comunidade pelos anciãos, visto que, não passou pelo processo de circuncisão.

Tradicionalmente a realização do processo cerimônia da circuncisão ocorre na mata em um abrigo apropriado para receber o circuncisando que irá passar pela etapa de preparação constituída de conhecimentos, atribuições de virtudes, atribuições de poderes importantes como a arte de agir,

⁶ É um período do tempo, estipulado, de acordo com a crença, onde a noiva recebe os ensinamentos sobre o casamento pelas as mulheres velhas que já passaram por esse processo, sendo que todas são parentas dos pais.

gesticulações, além de outros. Isso, durante o período de confinamento correspondente a três meses.

Os elementos da formação masculina do grupo étnico Balanta é constituído por sete etapas, que na formação do homem começa a partir dos 6 anos e segue até aos 24/30 anos e são fundamentais na formação do homem na cultura Balantas. Estas etapas são as que identificam o homem nessa etnia de acordo com a idade. Tanto nas características, definições e funções têm muita diferença entre elas. Cada uma das etapas têm as suas construções e definições do corpo masculino. “As etapas de idade e os rituais de iniciação que constituem o sistema de integração e de formação contínua segundo a cultura brasa” (CAMMILLERI, 2010 apud TCHUDA, 2018 p. 14)

Convém, no entanto, salientar que, no desenvolvimento das atividades em todas as etapas, são respeitados os limites (capacidade) de trabalho de cada faixa etária, por exemplo: os elementos da primeira faixa etária não executarão as atividades de outra faixa etária, assim por diante. De acordo com Cammilleri (2010 apud TCHUDA 2018 p. 14), a primeira etapa de formação masculina é chamada *Bidokn ni ñare* que corresponde à faixa etária (crianças) de 6 a 12 anos. Nessa fase, as crianças andam completamente nuas e respeitando sempre os Conselhos dos mais velhos, cabendo a elas a tarefa de pastorear o rebanho bovino da comunidade.

A segunda etapa é chamada *Nthok foi formada* pelos adolescentes de 13 a 15 anos que são os responsáveis pela construção das casas, além de cuidar dos animais domésticos da comunidade seguindo as orientações do grupo que coordena as operações.

A terceira etapa é chamada *Ngwac*, que corresponde aos jovens *blufus*⁷, cuja idade é de 15 a 18 anos. Nessa faixa etária, os jovens são classificados como gladiadores, pois demonstram grandes capacidade/habilidades de trabalho tornando-se valorizados na comunidade.

A quarta etapa chama-se *Nkuuman* formada pelos jovens com idade entre 18 e 20 anos. Por sua vez, é representante do grupo denominado tartaruga *nkubur*.⁸

A quinta etapa é denominada *N'há-Nñess* é composta pelos jovens de 21 anos. Todos convivendo juntos, praticando diferentes culturas na comunidade e realizando trabalhos pesados. Os constituintes dessa etapa de acordo com suas forças de trabalho, talentos e habilidades fazem competições de danças, de lutas corporais (luto) e disputa de peso diante do público.

⁷ Uma pessoa que ainda não tenha passado no processo tradicional de circuncisão.

⁸ Significa simbolicamente as forças físicas aplicadas na execução dos trabalhos da lavoura.

A sexta etapa chamada *Blufu N'dan* é composta pelos jovens de 24 a 30 anos. Com essa idade todos já podem participar do ritual da circuncisão (fanado). A esta altura, os mesmos já estão aptos para receberem os ensinamentos dos mais velhos da comunidade, ou seja, a preparação para a mudança da fase de jovem para a fase adulta.

A última etapa é denominada de *lante ndam* (na língua etnia Balantas significa dizer que é uma pessoa idosa com muitos conhecimentos) por ter passado por todas as etapas de mudanças, conforme os rituais de cada fase, como determina a Cultura. Por esse motivo os candidatos selecionados para participarem do ritual da circuncisão (fanado) estão aptos para receberem os ensinamentos dos anciãos sobre cultura e costumes da etnia.

Durante este período os circuncidados comem muito, praticam dança (movimentos repetitivos e constantes) e recebem também informações sobre casamento. Ao retornarem da mata para suas casas, todos guardam os ensinamentos de valores que receberam e passam a ser respeitados e considerados como adultos com direito de participarem das reuniões organizadas pelos mais velhos.

Deve-se enfatizar que, antigamente essa cerimônia realizava-se de seis em seis anos e, quando chegava o ano da realização, os anciãos se reuniam para marcar o dia e elaborar a programação do processo de circuncisão. Concluída a programação, o responsável pelo processo cirúrgico da circuncisão inicia a cerimônia do teste germinativo do milho preto, plantando uma semente (em panela), se a semente plantada germinar, o processo de circuncisão será realizado, caso a semente que foi plantada não consiga germinar será cancelado. Na véspera do dia marcado, os orientadores (lambes) se reúnem para definir como serão feitos os procedimentos da circuncisão dos candidatos (blufus) que irão passar pelo processo da circuncisão (fanado).

No grupo étnico Papel, a circuncisão (fanado) é uma das cerimônias mais importantes da cultura. Porque, além de atribuir o respeito dos que já participaram do tradicional processo cultural de circuncisão, também concede aos mesmos o direito de resolverem quaisquer problemas familiares (parentes) ligados ao ritual bem como, a herança da posse da terra, catadeira⁹

Os homens que não passarem por esse cerimonial (circuncisão) continuarão impedidos de frequentar determinados lugares da comunidade por serem consideradas crianças e, além disso, são humilhados pelos colegas e as mulheres.

⁹ É um ritual tradicional de crença do Grupo étnico papel. Ligada ao espírito do *defunto*, pois as vítimas são as meninas, isso acontece de acordo com a tradição do referido Grupo Étnico Papel

Na etnia Papel o processo preparatório para a realização da circuncisão tradicional acontece de igual modo do grupo étnico Balantas, ou seja, de seis em seis anos. Portanto, quando se aproxima o ano da realização dessa cerimônia circuncisão, o responsável pelos trabalhos reúne-se com certos velhos da tabanca (sítio) para planejar as estratégias e metodologias a serem aplicadas no desempenho dos trabalhos durante sua execução, além do lugar onde os fanados irão abrigar-se. Concluído o planejamento, o responsável divulga através do rádio a data que foi determinada para sua realização.

Ciente da divulgação do planejamento, para a realização do ritual de circuncisão, os interessados em participar dessa cerimônia comunicam aos seus pais o dia e local da realização e solicitam a autorização para participarem do ritual. A partir de então, os candidatos passam a interagir com os colegas de outras comunidades, também candidatos, convocando-os para juntos marcarem o dia da competição e de Cunsundém.¹⁰

Portanto, terminada a competição, o grupo que tiver maior número de assistentes é considerado o vencedor. Isso acontece quando faltam meses para os candidatos cumprirem a proposta. A vista disso, alguns vão de porta em porta visitando seus parentes próximos (se despedindo) acompanhados pelos seus mestres cantando tradicionais canções, e, ao chegar à casa de cada um, recebem animais como: galinhas, patos e suínos para dar aos mestres. Ressalta-se, porém, que, atualmente esse tipo de despedida praticamente já não existe porque os candidatos à circuncisão não praticam mais essas danças e nem visitam os parentes como antes.

Chegado o dia dos candidatos saírem da casa dos pais para participarem do tradicional processo da circuncisão, comem milho preto e seguem para a mata (lugar sagrado), para cumprirem o período do confinamento que corresponde a três meses, após o processo da circuncisão. Ressalta-se que quando os candidatos seguem em rumo à mata são acompanhados por parentes próximos (mães, irmãos, mulheres, etc.) até uma determinada distância do lugar sagrado, e depois esses parentes retornam para suas casas.

Além disso, vale frisar que cabe ao responsável pela coordenação do processo de circuncisão chegar acompanhado do seu filho, haja vista que o mesmo será o primeiro a ser circuncidado. Caso o coordenador não tenha filhos, deve apresentar um sobrinho.

Terminado o tradicional período de confinamento o coordenador conduz todos os circuncidados para sua casa, onde, enfim, será concluída toda a programação elaborada com

¹⁰ Significa danças tradicionais do referido grupo, onde cada um prepara as suas danças corporais para competição e essa disputa será avaliada pelo público assistente

apresentação dos rituais das danças que foram preestabelecidas para o grupo, bem como a festa que cada pai faz para seu filho ao recebê-lo fanado, sacrificando um suíno para comemorar juntamente com todos os familiares.

Choro e toca choro desses grupos étnicos

De acordo com Abulai (2014 apud Tavares, 2018, p.14), na sociedade Balanta a alma é quem completa o corpo, por isso quando morre uma pessoa a alma dissocia do corpo. Pois, para esse povo a morte não é o fim de tudo, acredita ser apenas o ritual de passagem para o mundo invisível. A vista disso, uma pessoa depois da morte continua mantendo relação com os vivos por achar que tem a responsabilidade de protegê-los respeitando a memória da sua descendência. Pois, existe uma tese afirmando que a vida não acaba depois da morte. Assim, os Balantas patch (parte do grupo) tem como base a concepção dos antepassados.

Quando morre uma pessoa, tendo esse cumprido o ritual da circuncisão (fanado), os mais velhos da comunidade lavam o cadáver (defunto). Ao terminar esse processo de banho o cadáver é enrolado com um lençol fundinho¹¹, sendo em seguida coberto com primeiro pano. A partir daí, faz-se o comunicado do falecimento aos vizinhos através do instrumento de “Bombolom”. Os parentes, amigos, vizinhos e conhecidos doam os panos para cobrir o corpo a ser sepultado.

No decorrer do ato fúnebre, os idosos da comunidade realizam o gesto de solidariedade que consiste na entrega de panos aos familiares para serem levados pelos referidos, durante o cortejo fúnebre e guardados em suas casas depois de higienizados para servirem de lembranças. Após a colocação do falecido no caixão (djongabo) o mesmo é conduzido ao local do sepultamento.

Deve-se, pois, antes de tudo, esclarecer que os condutores do cadáver antes de chegar ao lugar da sepultura passam com a caixa por cima do suíno abatido (para as comemorações após a realização do sepultamento), isso, em consonância com os rituais da cultura étnica do grupo. Ressalta-se que existem outras famílias que, por razão das dificuldades econômicas para aquisição de caixa (caixão), compram esteiras de palha de carnaúba, como informado pela entrevistada **Marta Cumbá**, em 2020.

¹¹ É um pano tradicional do grupo étnico Papel, assim como do grupo étnico Balanta.

Desta forma, quando uma pessoa idosa morrer é celebrada como uma festa, e quando for um jovem não é boa assim como de uma criança. Para Balanta existem três tipos de mortes: A morte de feiticeira, a morte de irã e de velhice. A Morte de feiticeira é a morte que causa muita dor para os parentes do ente, pois os Balantas patch, acreditam que feiticeiro é aquela pessoa que tem o poder de pegar a alma de um indivíduo e esconder num abrigo, bem seguro, e na tentativa de a esconder a alma que a doença desde indivíduo fica piorando cada vez mais. E se não houver a reação por parte da família desde o indivíduo o feiticeiro acaba por matar a alma, por consequência o seu corpo também acaba por morrer. (TAVARES, 2018, p.11).

Faz-se necessário ressaltar que, quando morre uma pessoa idosa, as famílias, amigos e conhecidos, terminado o sepultamento, euforicamente realizam festa à base de bebidas alcoólicas, em louvor ao morto pelo fato de o mesmo ter a velhice como causa morte. Embora cientes que, esses louvores geram despesas a mais, mesmo assim são realizados por vários grupos étnicos guineenses, pois sentem-se orgulhosos por ter convivido anos e anos com o falecido. Diante do exposto é preciso frisar que, em se tratando de jovens ou adolescentes, esse tipo de celebração não acontece, pois, as famílias buscam saber a causa morte: se foi da feiticeira, do Irã¹² ou natural.

A morte do Irã

Essa morte acontece principalmente com as pessoas consideradas feiticeiras que por sua vez fazem um pacto com o Irã, o não cumprimento do pacto por parte da pessoa leva-o a entrar em guerra num encontro com o Irã, que o irão apoderar e matar. E esta morte de irã são mortes de tipo: acidente, suicido, afogamento e entre outras. Já a morte de velhice é uma morte considerada natural e ela não tem nenhuma outra explicação, e, quando acontece, é celebrada com muita emoção por toda aldeia. (TAVARES, 2016. p. 12).

O entrevistado **N'guána Na N'djala**, afirma que, na etnia Balantas, quando morre um jovem ou adolescente, depois da realização do enterro do falecido as famílias fazem cerimônias para saber a origem da morte através do djongabo (significa o meio pelo qual o cadáver é transportado do local onde está sendo velado até o lugar do sepultamento.) Esse objeto *djongabo*, no momento da investigação sobre a morte do falecido é carregado vazio por quatro pessoas, e, o espírito do malogrado (falecido) encarna-se nesse objeto de forma invisível. O investigador interroga o espírito que foi invisivelmente encarnado durante o percurso. Por mais que as famílias e parentes tenham conhecimento dos elementos causadores da morte continuam com os trabalhos investigativos buscando saber se foi por: feiticeira, irã ou natural.

¹² Significa um espírito que governa planeta de terra, tem poder de fazer justiça social de castigar e perdoar. Para anciões esse espírito é capaz de proteger a comunidade, por isso é adorado pelos os fies.

De acordo com Abulai (2014 apud Sila, 2018 p. 21), através de sua análise sobre rituais fúnebres do Toca Choro da Sociedade Balanta, afirma que esse ritual tem valor importante para o sufrágio das almas das figuras queridas. Para ele, essa cerimônia é realizada por dois fundamentos exclusivos. O primeiro, é feito para que a alma possa repousar no mundo dos mortos e também permite a sua entrada no mundo dos antepassados. O segundo, enfatiza que sem a realização desse ato cerimonial a alma não tem paz entre os mortos. Assim sendo, continuará vagando podendo até se revoltar contra seus familiares provocando medo e desgraças a todos.

Vale salientar que, no Toca-Choro usa-se o instrumento Bombolom e tambor comunicando a alma do falecido para que este possa entrar no mundo dos mortos. No final dessa cerimônia serão realizadas as tradicionais danças corpóreas com apresentação dos instrumentos de trabalho demonstrando que é através dos mesmos que todos ganham o dinheiro para suas aquisições necessárias à sua própria manutenção e de seus familiares.

É importante frisar que, todos os instrumentos apresentados são inerentes à profissão de cada apresentador, por exemplo: O professor apresenta sua caneta; o pedreiro seu prumo/colher de pedreiro; o lavrador seu arado; as mulheres produtoras de hortaliças, o seu regador e enxada.

Sequenciando os ritos culturais do Grupo Balanta faz-se uma festa comemorativa com a participação de todos os comunitários que juntos abatem vários animais como: bovinos, suínos, caprinos e ovinos. Por ser um cerimonial de elevado custo sua realização acontece entre os meses de abril, maio e junho, por ser o período da colheita do caju e a venda da produção (castanha) levando em consideração que a maioria das famílias e agricultores.

O grupo Papel também acredita que a morte não é o fim da vida, é apenas a passagem espiritual do mundo dos vivos para o mundo dos mortos. Diante do exposto vale frisar que, na Etnia do Grupo Papel existem quatro tipos de mortes: *A primeira morte* é pela feiticeira - pessoa que tem o poder de pegar a alma de um indivíduo ainda com vida e escondê-la em um abrigo bem seguro para que ninguém venha lhe soltar na tentativa de impedir que a vítima morra, pois o corpo sem a alma continua fracassando até morrer. *A segunda morte* é pela inveja, isso acontece quando a pessoa tem influência na comunidade. *A terceira morte* é provocada pela catandeira. *A quarta* é por morte natural (velhice).

No Grupo Étnico Papel, quando falece um homem idoso tendo passado pelo processo tradicional de circuncisão (fana), a esposa e filha do falecido providenciam o banho após-morte do corpo e enrola em panos, conforme a tradição. Em seguida faz a comunicação do falecimento

a todos os parentes que, a partir daí, levam panos para continuarem enrolando o cadáver durante três ou quatro dias permanecendo em sua casa.

O falecido por ser o régulo (chefe da tabanca) tem o período de permanência do cadáver em sua casa por seis dias, possibilitando aos familiares levarem panos para enrolar seu corpo como uma forma de solidariedade. De acordo com a tradição do grupo, os filhos, sobrinhos e a viúva também recebem panos para serem postos sobre a cabeça de cada um. Sequenciando com os ritos tradicionais da cultura, a família do falecido (filhos e mãe) se reúne para discutir a divisão dos bens entre os herdeiros, conforme determina a cultura do referido Grupo Étnico Papel.

Após concluírem a discussão dos bens (herança), o cadáver é conduzido por quatro pessoas no “djomgabo” para o cemitério e realizar seu enterro no lugar a ser sepultamento. É importante ressaltar que antes do cadáver ser levado para o local do sepultamento, segundo a tradição, o corpo do falecido deve passar por cima do bovino já abatido para ser consumido pelos participantes do funeral. Todavia, faz-se necessário frisar que, o uso desses “djomgabo” é mais frequente no grupo Étnico Papel que vive na Região de Biombo no interior do País. Portanto conclui-se que esses rituais são adotados com base nas concepções mitológicas do referido grupo.

Faz-se necessário ressaltar que o Grupo Étnico Papel da Comunidade Bijimita, que faz parte da Região de Biombo, não sepulta os seus falecidos em caixão por acreditar que, se o sepultamento for realizado em caixão segundo a tradição dessa comunidade, ao violar esse princípio mitológico as famílias dos falecidos serão vitimadas com as consequências punitivas e devido ao rompimento cultural, conforme os princípios (preceitos) culturais do mencionado Grupo.

Antes do agendamento da cerimônia fúnebre do Toca-choro, o futuro herdeiro (o homem que assumirá a responsabilidade pela família do falecido) reúne-se com os filhos, viúva e parentes com o objetivo de marcar o dia da realização do referido cerimonial. Lembrando-se que esse ritual (marcação) acontece entre os meses de: maio e junho, haja vista que é durante os citados meses que acontece a colheita e comercialização da castanha de caju. Os familiares tendo conhecimento do agendamento do Toca-choro, começam, cada um, a buscar meios para conseguir os recursos financeiros destinados às aquisições dos animais (bovinos, caprinos e suínos) que serão abatidos no final do ritual Toca-choro.

O primeiro filho do falecido, além de ter a obrigação de sacrificar o bovino, também fica incumbido na aquisição de duzentos litros de aguardente para serem servidos aos participantes no final da cerimônia. Logo após o agendamento do ato cerimonial (Toca-choro), os familiares com

a finalidade obter os recursos financeiros destinados às despesas do mencionado ato, abusam do emprego ou trabalho nas regiões Bafatá e Gabú situadas na província Leste do País.

Os instrumentos que fazem parte do Toca-choro são Bombolom e Tambor. Para o grupo Étnico Papel os sons desses instrumentos permitem a comunicação entre o mundo dos mortos e o dos vivos. Vale dizer que se o Toca-choro é da alma de um idoso, o ato cerimonial ocorre durante o período de três dias. Quando for do régulo, o cerimonial Toca-choro será feito durante seis dias. Portanto, esse grupo acredita que a não realização dessas cerimônias fará com que a alma do falecido não tenha paz no mundo dos mortos. Além disso, pode provocar perdas familiares. Por essa razão os familiares procuram acelerar o ato cerimonial.

No final desta cerimônia serão realizadas as tradicionais danças corpóreas com apresentação dos instrumentos de trabalho demonstrando que é através dos mesmos que todos ganham o dinheiro para suas aquisições necessárias à sua própria manutenção e de seus familiares.

Ressalta-se que como no outro grupo étnico, todos os instrumentos apresentados são inerentes à profissão de cada apresentador, como anteriormente explicado.

A relação cultural entre os dois grupos étnicos

Quanto a relação, vale dizer que os referidos grupos possuem maioria das celebrações rituais idênticos haja vista que o maior número de populações desses grupos é formado por animistas. O casamento tradicional e a circuncisão (fanado) são cerimônias bem valorizadas nas comunidades. Para esses grupos o casamento é dado quando nasce uma menina na comunidade, e que sempre aparece um homem ou uma mulher que pede para que aquela menina se case com um de seus filhos ou sobrinhos. Acreditam no Toca-choro como forma que permite a comunicação da alma do malgrado entre o mundo dos mortos e vivos.

A diferença cultural desses grupos étnicos

Naturalmente, é possível constatar as diferenças culturais dos referidos grupos, sobretudo, na tomada de decisão visto que no grupo étnico Balantas a decisão é tomada de forma democrática, por ter a organização social horizontal. Ao contrário do grupo étnico Papel, onde cabe o régulo (chefe da tabanca) tomar decisão para todos constituintes do grupo. Isso por apresentarem organização social hierarquizada.

O grupo étnico Papel realiza cerimônia tradicional catandeira. O que é absolutamente isento na cultura Balantas. Por outro lado, é importante destacar que a herança da posse da terra

no grupo étnico Papel é disputada com os bens materiais (vaca, pano dinheiro, etc.), o que não é verificado no grupo étnico Balanta.

Considerações finais

Estes dois grupos étnicos guineenses apresentam a maior parte das ações culturais idênticas haja vista que maior número de populações desses grupos são animistas. Têm as suas normas rígidas que devem ser seguidas e respeitadas na sociedade, cuja finalidade é de preservar os seguintes rituais tradicionais: Circuncisão (fanado), casamento, Toca-choro. A circuncisão (fanado) e o casamento são as cerimônias mais importantes desses grupos. É importante ressaltar que os grupos Balantas vieram do Egito, Sudão e Etiópia fugindo da seca que assolava o país. Após a chegada das famílias no lugar, iniciaram a exploração das culturas de subsistências priorizando a criação de bovinos.

Espero que este trabalho consiga corresponder à expectativa das possibilidades levantadas e servirem como suporte de divulgação das culturas desses grupos étnicos guineenses, pois é importante respeitar e preservar as culturas tradicionais de qualquer grupo étnico.

Referências

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. 4.ed. São Paulo: Ática, 2006. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1971808/mod_resource/content/1/Tania%20Franco%20Carvalho%20\(i\).pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1971808/mod_resource/content/1/Tania%20Franco%20Carvalho%20(i).pdf). Acesso em: 06 de julho. 2021.

GARRAFÃO, Yolanda Monteiro.; SUBUHANA, Carlos: O casamento tradicional na Guiné-Bissau: o K'mari na etnia Papel. **Revista África e Africanidades**, v. 2354, n. 26, abr. 2018. Disponível em: <https://africaeaficanidades.online/documentos/0010260042018.pdf>. Acesso em: 06 jul.2021.

MANGO, Aldair Alberto. **Casamento da etnia Papel na Guiné-Bissau: Celebração de um pacto entre duas pessoas ou duas famílias**. 2017. (Bacharelato em Humanidade) –Instituto de Humanidades, Universidade da integração internacional da Lusofonia Afro-Brasileiro, São Francisco de Conde, 2017. Disponível em: <https://africaeaficanidades.online/documentos/0010260042018.pdf>. Acesso em: 06 de julho 2021.

SCHNEIDER, Sergio.; SCHIMITT, Cláudia Job. O uso do método comparativo nas Ciências Sociais. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 49-87, 1998. Disponível em: <http://files.ibijus.webnode.com.br/2000009154b6864c63f/M%C3%A9todo%20Explicativo%20-%20Texto%202.pdf>. Acesso em: 06 de julho de 2021.

SILÁ, Aua. **O povo brame ou Mancanha da Guiné-Bissau:** Um Estudo sobre Fúnebre Toca-Choro (Toka Tchur). 2019. Trabalho de conclusão do curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades, Universidade da integração internacional da Lusofonia Afro-Brasileiro, São Francisco Conde, 2019. Disponível em: https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1482/1/2019_proj_auasila.pdf. Acesso em: 06 de julho de 2021.

TAVARES, Vania Virginia Mendes Correia. **A concepção da morte no povo Balanta Patch da Guiné-Bissau.** 2019. Trabalho de conclusão do curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades, Universidade da integração internacional da Lusofonia Afro-Brasileiro, São Francisco de Conde, 2018. Disponível em: https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1331/1/2018_proj_vtavares.pdf. Acesso em: 06 de julho de 2021.

TCHUDA, J. Jair. **Masculinidades Negras Trânsito:** Ser Homem no Grupo Brasa-Balanta da Guiné-Bissau. 2019. Trabalho de conclusão do curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades, Universidade da integração internacional da Lusofonia Afro-Brasileiro, São Francisco de Conde, 2019. Disponível em: https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1770/1/2019_proj_jairtchuda.pdf. Acesso em 06 de julho de 2021.